

ARCAÍSMOS E TRAÇOS OBSOLETOS NO LÉXICO CEARENSE

FLORIVAL SERAINE

Além de outras, duas obras serviram de base à escolha dos termos a serem enfocados aqui pelo seu cunho obsoleto. São elas: o *Elucidário*, da autoria de Frei Joaquim de Santa Rosa Viterbo (1798-1799) e o *Dicionário portatil*, do mesmo autor. O que não importa haveremos recorrido ao testemunho dos próprios autores das épocas clássica e anteclassica, com as devidas citações dos textos selectos.

A *Seleção Clássica*, de João Ribeiro, e a *Crestomatia Arcaica*, de J. J. Nunes serviram-nos também no registro dos vocábulos antiquados, que ainda hoje circulam no falar cearense, especialmente em seu léxico inculto ou rural.

Não se trata de obra de cunho exaustivo ou com o propósito de esgotar a matéria que, aliás já tem merecido a atenção de inúmeros estudiosos.

Segue-se abaixo a relação dos vocábulos que nos pareceram de interesse, contendo os verbetes alguns comentários ligeiros sobre a procedência do termo e o seu emprego nos meios populares cearenses, de nossa época.

Faremos referência, por vezes, à Toponímia e à Antroponímia estaduais.

Finalizamos o trabalho acrescentando à parte lexical propriamente dita breves notas sobre algumas *frases-feitas* e *ditos tradicionais*, que nos pareceram em conexão com o tema central do estudo.

Abusão — Superstição. Usado pelos cultos e principalmente semicultos e incultos, que em geral dizem *busão*. Exemplo do folclore regional: "tudo isso é busão" (SA. 87). Encontra-se

o vocábulo no *Elucidário* — Fr. J. de Santa Rosa Viterbo (ed. Fernandes Lopes — Lisboa, 1865) e *Dicionário portatil das palavras, termos e frases, que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram* — pelo mesmo autor do *Elucidário* (Coimbra, 1825), Malaret regista "abusión". (Em espanhol: superstición; ag"uero — *Nuevo Suplemento* — pág. 6). Na 3.^a edição do *Dicionário de Americanismos*, do mesmo autor, se acha o termo como sinônimo de fantasma, no Panamá.

Aceirar — Defender, resguardar as fazendas e searas, quando se põem fogos aos matos e branhas. Assim está no *Dic. Port.*, cit. É termo comum no interior, em zonas agrícolas. Damos um exemplo retirado do *Cantadores*, de Leonardo Mota: "Broco o matto, asséro e queimo" — expressões do cantador nordestino Serrador. Asséro é corrupção popular de *aceiro*, primeira pessoa do singular do Indicativo presente do verbo *aceirar*. Juvenal Galeno empregou o verbo nas *Lendas e Canções Populares*. A acepção mais comum hoje é: cortar a vegetação em volta da mata.

Acostar-se — Em *O assassínio de D. Maria pelo Infante Dom José*, de Fernão Lopes, acha-se *acostou-se* com o sentido de encostou-se, idêntico ao em que empregam os nossos homens do povo (V. *Selecta Clássica* — João Ribeiro — 3.^a edição — pág. XLVI da Introdução). "m alto aposento *acostada* ao seu estrado" se encontra em *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro (Liv. Clássica Editora — Lisboa, 1942 — pág. 52).

Acuar — Recuar, retroceder. Encontra-se em *Breve Sumário da História de Deus*, de Gil Vicente (Liv. Clássica Editora — Lisboa, 1943 — pág. 43, v. 42). Entre o povo é usado o adjetivo participio *acuado*, com a significação de parado, sem querer prosseguir o caminho (cavalo); e, referindo-se a animal bravo, quando, na defensiva, cercado, ameaçado pelos cães, ele fica entocado.

Adjutório — Auxílio, ajuda. Acha-se, como apresentamos, em *Relógios Falantes*, de Francisco Manuel de Melo (ed. da Liv. Clássica Edit. — Lisboa, 1942 — pág. 68). É expressão usada apenas nas camadas populares, pelos incultos e, raramente, os semicultos. Entre o povo é de emprego também o verbo *adjutorar*, na acepção de ajudar, auxiliar. Numa tradução anônima da Regra de São Bento encontramos a forma *ajudoyro*. Do Folclore regional: "A pobre nada *adjutora*..." (SA. 55). J. A. Teixeira regista em Goiás *ajutorar* com a acepção de ajudar, verbo este que ocorre também no Ceará (V. *Linguagem de Goiás* — gloss. reg.).

Agastar-se — "Não te *agastes* tu comigo", acha-se no *Breve Sum. da Hist. de Deus*, de Gil Vicente (ed. cit. — pág. 71, v. 858). Ainda hoje circula bastante, mais entre o povo, como sinônimo de zangar-se, por-se de mal.

Agravar-se — Queixar-se. Está no *Leal Conselheiro*, de D. Duarte (edição prefaciada e comentada por J. I. Roquette — Paris, 1854). "Seu Doutô, não se *agrave*; não tenha queixa de mim, não" já ouvimos de elementos das classes incultas.

Alcântara — Averbá o termo o *Dic. Port.*, cit. Não circula no linguajar atual, tendo ficado apenas, no Ceará, como antropônimo, aliás sobrenome (José *Alcântara*, Mário *Alcântara*) e como topônimo (S. José dos *Alcântaras*, vila cearense, hoje *Alcântaras*). É palavra tida como de procedência árabe.

Aleive — Acusação ou testemunho falso (*Dic. Port.*). Não só da linguagem literária, mas também da popular. Usado principalmente com essa acepção de calúnia. Significando traição, acha-se numa lista de 128 palavras referidas como antiquadas por Duarte Nunes de Leão. O adjetivo *aleivoso*, dentro da mesma relação de sentido, cremos que hoje ocorre mais vezes na língua popular cearense que o substantivo de que deriva. A propósito observa Mário Marroquim: "*aleive* é palavra usual entre uma população inteiramente analfabeta, colocando-a entre os vocábulos de cunho evidentemente elevado e culto", que são usados com freqüência pelo povo, a denunciar assim uma origem que se prende à primeira colonização. (*A Língua do Nordeste* — 2.^a edição — pág. 152).

Almofala — Campo ou arraial em que por algum tempo se reside (*Dic. Port.*). Permaneceu apenas na toponímia cearense — Barra de *Almofala*, lugarejo ou povoado de *Almofala*. Palavra de origem árabe.

Almotacel — É expressão que se encontra em *O Fidalgo Aprendiz*, de Francisco Manuel de Melo (Liv. Clássica Editora — Lisboa, 1943 — pág. 98, v. 309). Entre nós circulou até o século passado sob a forma *almotacé*, principalmente. Vocábulo de origem árabe. "A antiga Câmara de Fortaleza fazia em corporação" — escreve João Brígido — "a correição das lojas, vendas e açougues, acompanhada de seu *almotacé*" (*Ceará — Homens e Factos* — pág. 229). *Almotacé* ou *almotacel* era um inspetor de pesos e medidas, que fixava o preço dos gêneros alimentícios. Nos livros de "registros" de 1824 a 1825, existentes no Arquivo Público do Estado, os termos aludidos são ainda usuais.

Amor — Benefício, favor, graça, mercê — (*Dic. Port.*). A locução *por amor de*, antiga, que se encontra, p.ex., neste

passo de Zurara, da "Crônica dos Feitos de Guiné" (ed. cit. — pág. 81) — "pôs nome a aquela cidade Meroe, por amor de hua sua irmãa, segundo conta meestre Pedro", converteu-se na linguagem inculta em *prumóde*, que é usado geralmente com as acepções de: por causa de e em atenção a. Às vezes abreviam a locução em *móde*. Entre nós, alguns autores usaram dessa locução, a exemplo de João Brígido: "Ocorria também que os colonos portugueses ou de raça cruzada viviam em contínuas guerras por armor das terras, que se distribuíam", etc. (Ceará — *Homens e Factos* — pág. 17). Mas, em nossos dias, na linguagem culta e, mesmo, na literária, só poderá surgir extravagantemente, tanto o substantivo *amor* com a acepção referida, como a locução *por amor de*. "... por amor dos selvagens não virem"... encontra-se em umas "Informações e avisos de Antônio Monis Barreiros", datadas de 2 de agosto de 1623 (In. *Documentos para a História do Brasil e especialmente do Ceará* — 1.º vol. — pelo Dr. Guilherme Studart — Fortaleza — 1904).

Ancho — Largo. Figura o termo em *O Leal Conselheiro*, de Dom Duarte (ed. cit.). Nesse sentido só excepcionalmente aparece, e isso no estilo guindado, em algum purista ou escritor inexperiente ou pedante. No entanto, é comum o vocábulo entre o povo, com a acepção de cheio de si, satisfeito e envaidecido. Ex.: "Olhe, como vai ele, todo ancho"... No caso, a metáfora é patente. Outro ex.: "Ficou todo *ancho* com a notícia"...

Andaço — Mal contagioso, epidemia. Assim figura no *Dic. Port.*, cit. Regista o vocábulo com esse sentido Mário Marroquim, na linguagem popular do Nordeste (*op. cit.* — pág. 151), que o povo conserva e usa, não tendo mais vitalidade na língua culta, apesar de registado pelos dicionaristas.

"O povo" — escreve Gustavo Barroso — "é quem melhor tem conservado as velhas alcunhas das moléstias esquecidas pela medicina. É ele o único que ainda hoje emprega as palavras desusadas: estupor e ar-do-vento, para as congestões; flato que é o flato maligno medievo, neurastenia talvez; espinhela caída; e o termo geral, tão próprio e tão expressivo, das doenças contagiosas — *andaço*. Melhor este do que epidemia." (*Através dos folk-lores* — pág. 115). Realmente, só entre o povo ou entre as pessoas idosas, cultas ou semicultas, poderemos ouvir o termo focalizado, na época em que vivemos.

Andejo — Pessoa que não pára em casa, vive sempre na rua. Usual no Ceará. Marroquim assinala o termo na mesma categoria semântica do anterior (*op. cit.*, *ib.*).

Anojar-se — Aborrecer-se, desgostar-se, etc. Na *Crônica da Tomada de Ceuta*, de Gomes Eanes de Zurara (ed. Liv. Cláss. Edit. — Lisboa, 1942 — pág. 78, l. 11), encontramos *anojauamsse* (anojavam-se) com o significado de aborreciam-se.

Arlindo de Sousa anota o verbo em *Obras de Gil Vicente*, significando desgostar, aborrecer, na voz ativa. Desterrado na linguagem culta, normal, aparece no entanto, freqüentemente, entre o povo, as classes incultas. Ex.: "Tá aqui, Dr., esse presentinho, não se *anoje* não"... Citamos ainda usado o termo por Garcia de Rezende ("Cancioneiro Geral"): "qu'agora seja *anojado* amenhá lh'esquecerá!" (V. *Poetas do Cancioneiro Geral* — Liv. Glas. Edit. — Lisboa, 1942 — pág. 70, vs. 189 e 190).

Antojo — Repugnância, nojo. Está no *Relógios Falantes*, de Francisco Manuel de Melo (ed. cit. — pág. 88). É generalizado em nossa época, com a acepção de apetite caprichoso das grávidas, seguido de repugnância, nojo pelos alimentos, e mesmo náuseas.

Apuração — Ato de escolha e seleção. Assim consta do *Dic. Port.*, citado, bem como o verbo *apurar*, dentro da mesma relação de sentido. Ambos os termos ainda são usados bastante com as acepções antigas apresentadas pelo autor de *Elucidário*, especialmente em se tratando de votos, a fim de obter o resultado de uma eleição ou certame. O verbo *apurar* é bastante usado pelo povo em expressões como esta: "Sujeito besta, gosta de *apurar* família, etc. *Apurado* (adj. part.) é citado como arcaísmo por J. J. Nunes, com as acepções de bem disposto ou mais encoberto (?). (V. *Crestomatia Arcaica* — 3.^a edição — glossário).

Árdego — Fogoso, ardente, demasiadamente vivo e esperto (*Dic. Port.*). Generalizado mormente no interior, como qualificativo de certas alimárias. Ex.: "Este cavalo é *árdego*"... Corrompido, não raro, em *árdo*.

Arear — Perder o rumo, atarantar-se, etc. Usual entre o povo. João Ribeiro cita o uso do termo na "História trágico-marítima" e considera-o derivado de "ar — qualquer das formas da paralisia" — mas em sentido translato. Mário Marroquim cita o vocábulo *areado* (de aéreo), com as acepções de perplexo, confuso, observando ser uma daquelas palavras que o povo ainda emprega com a mesma significação do Século XVI, não obstante haja modificado o sentido entre os cultos (*op. cit.* — 2.^a ed., pág. 149).

Argel — Mofino, malvado, infeliz, desgraçado (*Dic. Port.*). Na *Selecta Clássica*, João Ribeiro (pág. 149 — nota — ed. cit.), entre os tipos de cavalo, reconhecíveis pela cor, cita o *argel*,

"que tem o pé direito branco e é mau sinal". Firmino Costa no *Vocabulário Analógico*, define *argel*: "cavalo que tem malha branca no pé direito". Cita os tipos: *argel* travado, *argel* travado, *argel* trevalvo, *argel* quadralvo (*op. cit.* — pág. 21). *Argel*, que o populacho corrompe em *agé*, significa também desajeitado, desmazelado. Vê-se, pois, que não é de todo impossível uma conotação entre os sentidos antigo e atual do termo, entre o povo.

Arneiro — O termo não circula mais na região. Entretanto, a Toponímia conservou um derivado do mesmo — *Arneirós* — cidade cearense, cujo nome reproduz entre nós de antiga localidade portuguesa: a mesma Vila Nova de Souto de El-rei. Aliás, o topônimo cearense bem se ajusta ao significado da raiz, pois indica um município bastante seco no sertão. *Arneiro* ou *arnado* significa terreno estéril e arenoso.

Aro — Circunferência, arco (*Dic. Port.*). Atualmente é usado de maneira geral, com a significação de pequeno círculo de metal ou madeira. Peiorativamente, o termo é aplicado pela plebe, no Ceará, ao orifício anal.

Arrear — Ornar, compor, etc. (*Dic. Port.*). Ainda hoje circula com essas acepções. Há mesmo um dito, de que faz uso o povo, incidentemente: "Pronto e *arriado*. Só faltando o cadeado!" O que equivale a dizer que o indivíduo está composto e, algumas vezes, que já se acha preparado para atender a alguém que o espera. Segundo o *Pequeno Dicionário Brasileiro*, *arrear* é empregado ainda nas acepções de por arreios a (verbo transitivo) e de desistir, inclinar, perder as forças (verbo intransitivo).

Arrenegado — Amaldiçoado (Gil Vicente, ap. A. de Sousa). É ainda usado pelo povo, muitas vezes interjectivamente. "Vai-te embora, *arrenegado*!" O livro de Arlindo de Sousa tem o título de *Obras de Gil Vicente* (Livraria Civilização — Porto, 1940), trazendo um glossário ao fim do volume.

Arte — Ardil, maldade. Figura em *Breve Sumário da História de Deus*, de Gil Vicente (ed. cit. — pág. 57, v. 461) — "Sem usar contigo cautela nem arte". Leonardo Mota, no *Cantadores*, regista o termo com a significação de travessura, valentia, nas camadas populares. "Por arte do demônio" é expressão de que se serve bastante o povo, equivalendo aproximadamente, a: por infelicidade, má sorte, caiporismo.

No *Dic. Port.*, encontramos *arteirice*, *artice*, com o sentido de sagacidade má, velhacada, maledicência, intriga. E *arteiro* dentro do mesmo signo semântico. São estas, expressões com que ainda hoje deparamos nas línguas culta e semiculta. Mário Marroquim cita *arteiro* como palavra da língua arcaica, cir-

culante na fala popular do Nordeste (*op. cit.* — pág. 47). *Arteiro* figura também na Antroponímia regional. *Arteirice* — seg. Fr. Domingos Vieira — é vocábulo antigo, figurando na *Vita Christi*, Parte III, cap. 38. fol. 80 (*Tesouro da L. Port.*, cit.).

Assistir — Morar algum tempo, residir. Usual nas classes incultas e rurais. Com o sentido de comparecer, estar presente, acha-se em Manuel Bernardes (Liv. Clás., Edit., 1942 — 2.^o vol. — pág. 46). V., a propósito, Renato Mendonça (*op. cit.* — pág. 244). Encontra-se o termo com a acepção de morar, permanecer, em uma *Relação do Ceará*, da autoria de Martim Soares Moreno, datada de 1618 (In *Documentos para a História do Brasil*, etc. — Barão de Studart). No *Cantadores* (pág. 350), de Leonardo Mota, acha-se: “que asséste lá na Várzea Alegre...”

Avezar — Acostumar, habituar. Na *Menina e Moça*, de Bernardino Ribeiro (ed. cit. — pág. 85) se encontra: “Assi ela, pouco a pouco se foi *avezando* a viver de outra maneira”... D. Duarte usou *vezar* com a mesma acepção no *Leal Conselheiro* (ed. cit.). Entre o povo é comum ouvir-se dizer, em nossos dias: “Já está ficando *avezado*”. “Tá se *avezando* cada vez mais”...

Avir-se — Concordar-se, compor-se ou ajustar-se com alguém. (*Dic. Port.*). Ainda hoje é empregado o termo nas linguagens semiculta e culta, e mesmo entre o povo, que corrompe o verbo em *aver*. Ex.: “Ele tem que se *aver* comigo”. Note-se, porém, que o sentido em que o verbo é empregado usualmente é o de: arranjar-se ajustar-se com alguém, em tom colérico, ou envolvendo certa prevenção. Outro exemplo do emprego do verbo: “Agora eu quero ver como ele vai se *aver*.” Já *desavir-se*, derivado do mesmo, é usado geralmente nas línguas culta e literária, com a acepção de: desentender-se, indispor-se, malquistar-se e, mesmo, na de contender com alguém.

Azo — Que antigamente se escrevia *aaso* e *aazo* com o significado de ocasião, motivo, figura no *Dic. Port.* citado. Entre outras obras, se acha no *Leal Conselheiro*, de D. Duarte (v. ed. Roquette); em *O assassinio de Dona Maria pelo infante Dom João*, de Fernão Lopes (V. *Selecta Clássica*, 3.^a ed. cit., Introd.); na *Crônica da Tomada de Ceuta* (ed. cit. — pág. 39), do mesmo autor, sob as formas *aaso* e *aazo*. Alguns derivados aparecem também em autores antigos, como no último citado. A propósito, escreve João Ribeiro, na *Selecta Clássica* (pág. 126 — nota 130 — ed. cit.): “O verbo *azar-se* e *aso*, *azo*, *azado*, são vocábulos muito comuns em João de Barros. Os derivados *desazo* e *desazado* são ainda hoje popularíssimos”. É preciso

notar que *desasado*, *desasada*, aparecem no linguajar do povo com as acepções de — com as asas caídas ou partidas; derreado, mal jeitoso. “Urubu *desasado*” é expressão de apodo que usa o povo cearense para se referir a indivíduo derreado, torto, desajeitado. Em nossa região é usado atualmente, nas linguagens culta e semiculta, o vocábulo *azo*, em frases do seguinte teor: “Ele mesmo deu *azo* a que eu me aborrecesse com ele”. *Azado*, *azada*, são de uso freqüente. Exs.: “O momento é *azado* pra uma boa esfrega”. “A ocasião é *azada*”.

Bacio — Prato. Empregou o termo Gil Vicente, entre outros. É encontrado também na *Crônica dos feitos de Guiné*, de Zurara (ed. cit., pág. 70). Hoje é usado pelo povo com o significado de urinol, bispote, vaso de noite. Arlindo de Sousa define o vocábulo: “todo o vaso de boca larga, como gomis, canecas, etc.”. usado por Gil Vicente.

Bafagem (de vento) — Aragem própria e acomodada para navegar; sopro de vento, favorável (*Dic. Port.*). Usado em sentidos idênticos pelos semicultos e as classes populares.

Banda — Lado. Aparece na *Menina e Moça* (ed. cit. — págs. 49 e 84), entre outras obras. Lembramos aqui que o termo é usado bastante no Ceará, entre o povo, preferentemente ao seu sinônimo *lado*. Quanto a este, é mais adotado pelos cultos.

Barafustar — Mover-se com ímpeto a uma e outra parte (*Dic. Port.*). Usado ainda hoje, entre o povo, com o sentido de entrar violentamente. O mesmo que *embarafustar*. Ex.: “*Embarafustou* de casa a dentro”. Salvo engano, ainda se usa no Ceará com o significado de cascavilhar, mexer em tudo e, talvez, com acepção semelhante à antiga. Mário Marroquim observa que “Francisco José Freire diz ter sido usado por João de Barros e Duarte Nunes (*Reflexões sobre a língua portuguesa*, parte 3.^a, pág. 20), no sentido de relutar”, sendo corrente com o valor de entrar sem licença, introduzir-se por um lugar, às pressas (*op. cit.* — pág. 152).

Beleguim — Polícia ou oficial de justiça. Ainda hoje, como em Gil Vicente (Ap. Arlindo de Sousa, *op. cit.*).

Beltrão (beltrano) — Usa-se para indicar pessoa de quem se ignora ou não se quer dizer o verdadeiro nome. Personagem da Comédia Italiana (*Beltrame*). Atualmente é generalizado sob a forma *beltrano*. *Beltrão* é hoje antropônimo, melhor dito, nome-de-família.

Bicos — Pequenas dívidas. Encontra-se o termo com essa acepção em *O Fidalgo Aprendiz* (pág. 77, vs. 224 e 25); “Não que eu devo dez cruzados, afora assi outros bicos”... Já temos

ouvido a expressão entre cultos e semicultos com o mesmo sentido, mas isso sem ser freqüentemente. Ex.: "Liquidando esses *bicos*, posso ir m'embora".

Birrento — Agastado, raivoso, enfadado (*Dic. Port.*). Circula em todas as camadas sociais, em nossa época, com os sentidos de implicante, teimoso, raivoso, agastado.

Boçal — Em nota ao pé da página 59 de *Relógios Falantes*, da autoria de Francisco Manuel de Melo (ed. cit.), observa Antônio Correia de A. Oliveira: "Chamava-se *boçal* ao preto de África, em oposição a *ladino*, nascido na metrópole". Ainda hoje circula bastante o termo como adjetivo, significando: estúpido, ignorante, grosseiro.

Bofar — Golfar, sair às golfadas. Em *O assassinio de Dona Maria pelo infante Dom João*, da autoria de Fernão Lopes, deparamos com a expressão "*Bofando muito sangue* (ap. *Selecta Clássica* — João Ribeiro). Temos ouvido este verbo usado apenas pelo populacho.

Bofete — Bofetada. Gil Vicente foi escritor antigo que usou desse popularismo, ainda comuníssimo no Ceará. Realmente, neste Estado, quase nunca o povo diz bofetada. Ex.: "Vou já dar uns *bofetes* naquele cachorro". Carlos Góis julga um galicismo (do fr. arcaico *buffet*).

Brejo — Lugar baixo, alagadiço, úmido, pantanoso, cheio de silvas e matagais (*Dic. Port.*). Esta acepção do vocábulo é ainda hoje corrente em nossa região. É generalizada a palavra e figura mesmo na Toponímia.

Brenha — Sobre essa expressão refere João Ribeiro, na *Selecta Clássica* (ed. cit. — nota 107), ser palavra antiqüíssima, que indica o lugar mais espesso da floresta. Lembramos que o termo é, geralmente, usado no plural — *brenhas*, para designar lugar recôndito e atrasado. Ex.: "Não sei como vim esbarrar nessas *brenhas*"... No singular é também usado; porém em menor escala.

Cabeção — Gola larga, colarinho (Gil Vicente, ap. A. de Sousa). Ainda hoje o povo usa o vocábulo, significando: parte superior da camisa de mulher, que fica sobre o peito, e onde geralmente se fazem ou aplicam bordados e rendas. Juvenal Galeno empregou o termo nas *Lendas e Canções*.

Calma — Calor, ardor do tempo. A propósito, considera João Ribeiro na *Selecta Clássica* (pág. 295): "mau uso que deste vocábulo se faz, quando empregado com o sentido de frieza de ânimo; nos clássicos *calma* é sempre o calor, o ardor do tempo". Na *Crônica dos Feitos de Guiné* (ed. cit. — pág. 35) se acha a expressão. Os da cidade, cultos e semicultos, geral-

mente empregam o termo como equivalente de placidez, serenidade, imperturbabilidade. No estilo literário, na prosa e mesmo na poesia, do nosso tempo, esse é também o sentido de *calma*. O próprio homem do povo usa do mesmo, geralmente com essa acepção. Contudo, é freqüente ouvir-se nas camadas populares, mormente de filhos de zonas rurais, com referência ao tempo parado, quente, sem a mais leve brisa que agite a folhagem: "É uma calma!"

Cambar — Trocar (*Dic. Port.*). Além das acepções de entortar para um lado, entortar as pernas, apresenta as de mudar, virar de um lado para o outro, segundo registra o *Pequeno Dicionário Brasileiro*. No *Sertão Alegre*, Leonardo Mota refere os sentidos de baixar, rumar, para o termo focalizado. Estas, são acepções comuns à plebe, mormente entre os sertanejos. "Já vinha *cambando* o dia"... (SA. 69) serve de exemplo ao uso citado. No *Leal Conselheiro* figura o verbo *cambar*. Em nota apensa à edição mencionada, J. I. Roquette define: trocar. E acrescenta: "Empregado sem sentido econômico, como mudar". No *Dic. Port.*, cit., se encontra *camba* designando troca, permutação, escambo. Entretanto, em *Cantigas d'El-Rei D. Dinis* (Liv. Clás. Ed. — Lisboa, 1942 — págs. 81, vs. 6, 7 e 8) encontramos *cambiar*, com o mesmo sentido de trocar, e *cambio* com o de troca: "E disse-m'ora aqui um seu vilano que o avia por mua *cambiado*. E d'este *cambio* foi el enganado". J. J. Nunes registra *cambeiar* na linguagem arcaica, com a acepção de trocar (*V. Crestomatia Arcaica* — 3.^a edição, glossário).

Cambiar vem citado e definido por Leonardo Mota, no *Sertão Alegre*, com a acepção popular, sertaneja, de negociar. Os cultos não usam *cambar* na linguagem normal; apenas *cambado* de referência a sapato. Talvez meio burlescamente, no sentido de rumar: "Já vou *cambando* no rumo de casa". Quanto a *cambiar* será empregado esporadicamente pelos cultos, como um derivado de *cambio*, na acepção que se lhe dá geralmente — a de troca de moedas, letras, notas, valores dum país pelos de outro.

Carnadura — Musculatura. É um termo que empregou Zurara, na *Crônica dos Feitos de Guiné* (Liv. Clás. Edit. — pág. 29). Usado excepcionalmente pelos cultos, mormente na Capital. Não só com esse sentido, mas também com os de aparência exterior, qualidade da carne, compleição, natureza, aparece no linguajar do povo.

Carniça — Abundância de carne morta. Registra a acepção citada J. J. Nunes (*op. cit.* — glossário), a qual não é estranha à fala popular.

Caroável — Amigo, fagueiro, amante e amado (*Elucidário*, cit.). Antigamente apresentava também o significado de propício (V. Dicionários de Moraes, Aulete, Fr. Domingos e Cândido de Figueiredo). Ainda hoje é muito usado pelo povo, corrompido em *caroara* (*caruára*), em expressões como as que se seguem: "Sou *caroara* a gripe"... isto é, freqüentemente sujeito, acepção, pois, que não se distancia daquela outra, já hoje tida como desusada. Quanto ao termo *caroável*, é apenas usado no estilo literário, e isso, esporadicamente, por algum escritor de tendências anacrônicas. Na linguagem popular ocorre bastante o termo *fatível*, significando possível, que pode acontecer, o qual se acha na *Jornada da África*, de Hierônimo de Mendonça.

Artur Neiva recolheu *caroável* na antiga acepção de propício, em uma viagem que fez pelo Norte da Bahia, Sudoeste de Pernambuco, Sul do Piauí, e Norte e Sul de Goiás. (*Estudos da língua nacional* — Brasileira — página 186).

Carregado — Tristonho, terrífico (Garcia de Rezende e Camões — Ap. João Ribeiro (*Selecta Clássica*, ed. cit. — pág. 10 — n.º 30). Anda hoje circula com as acepções de sombrio, ameaçador. Exs.: "Céu *carregado*", "fisionomia *carregada*".

Catar — Inquirir, procurar, examinar com toda a diligência e exaçaõ alguma coisa (*Dicionário Port.*). Nas *Cantigas d'El-rei D. Dinis* encontramos *catar*, significando procurar, buscar. Na *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, figura também com a acepção de procurar (ed. citada — pág. 79). *Catar* como sinônimo de procurar acha-se em Gil Vicente (ap. Arlindo de Sousa — *op. cit.*). O termo circula generalizado buscar miudamente, e com elipse do complemento — *catar* (piolhos), indica ainda buscar os parasitas capilares. *Caçar* no sentido de procurar, buscar, é habitual nas classes incultas. Ex.: "*caçou* um pau" (SA232). J. J. Nunes aponta *catar* com as acepções de olhar, buscar (na forma passiva), e dar por si (*op. citada* — glossário).

Cevado — Saciado. "De cevar, no latim *cibare* (alimentar)" — acrescenta João de Almeida Lucas, no Glossário final da edição citada do *Breve Sumário da História de Deus*, de Gil Vicente. O vocábulo foi usado pelo talentoso dramaturgo no seguinte passo da obra aludida: "Bofá, meu migos, já estou *cevado*: nenhum que nascer na me há-de escapar". Trata-se do trecho de um diálogo entre Satanás e Lucifer, na parte que cabe ao primeiro. Atualmente o vocábulo circula bastante na região, referente a porco que *cevou*, como substantivo; e, adjetivamente, aplicado a animais de carne comestível que, bem alimentados, se tornaram gordos: galinhas, perus, porcos, etc.

Alguns tempos do verbob *cevar*, como o particípio presente e outros, são também usados. Ex.: — “Tenho uma porção de galinhas *cevando*”. “Vamos comer o frango que ele já *cevou*”. Como *saciar*, é também usado pelos cultos e literariamente. Ex.: “Aquilo é um degenerado, foi *cevar* os instintos bestiais naquela criança!”...

Chapado — Rematado, completo, afamado. Está em *O Fidalgo Aprendiz*, (pág. 40): “Entra na dança comigo um *chapado* velhaco”. No *Cancioneiro do Norte* se acha o termo no plural: “todos vaqueiros *chapados*”. É de uso popular.

Choutar — Andar a chouto; trotar. Ainda hoje usado com acepção idêntica. Anotado por Arlindo de Sousa em *Gil Vicente (Obras)*.

Cobrar — Recuperar, receber. Está com essas acepções nas *Cantigas d'El-rei D. Dinis* (pág. 87) e no *Cancioneiro Geral* (pág. 58, v. 4). Usado principalmente nas camadas populares. Exemplificamos o uso entre o populacho, com a locução *cobrar sustança*, que significa adquirir ou recuperar força, vigor. “E os cristãos tanto que conheceram o Infante cobraram esforço” se acha na *Crônica da Tomada de Ceuta* (ed. cit. — pág. 87). J. J. Nunes registra *cobro* (s.m.) ação de cobrar ou recuperar, na linguagem arcaica (*op. cit.* — glossário).

Coice — Retaguarda, parte posterior de uma coisa. “Os vaqueiros do coice”. “O coice de uma arma”. Duas expressões do uso rural.

Coiro — Pele. Está, por ex.: na *Crônica da “Tomada de Ceuta”* (página 77, l. 19), aplicado ao ser humano: “Pelassem aqueles *coiros* das mão” (caisse a pele das mãos). Atualmente indica um plebeísmo, sendo que os cultos evitam-no, bem como chamar ao nariz de venta; aos lábios de beiços; ao rosto, às faces, de cara, etc. Fica restrito o seu uso aos animais irracionais, empregando o termo os cultos, apenas burlescamente. Note-se, porém, que o povo diz ordinariamente *côru* (couro) e não *coiro*.

Coitado — Infeliz, mísero. Está com essa acepção no *Cancioneiro Geral*, em umas “trovas que Garcia de Rezende fez à morte de Dona Inês de Castro”. O trecho é o seguinte:

“Se o vós quereis fazer, fazei-o sem mo dizer,
qu'eu nisso nam mando nada, nem vejo essa coitada
por que deva de morrer.”

Bastante usado interjetivamente em nosso tempo, por todas as classes sociais, como expressão de pena, comiseração, compaixão, o termo apresenta também o sentido focalizado, na conversação. Exs.: “Fiquei com pena do *coitado*, só

porque ele foi amigo do meu irmão". "Não vejo porque precisasse de dar tanto o coitado". João Ribeiro na *Seleção Clássica*, diz ser *coitado* participio que ficou do verbo *coytar* — magoar, afligir, o qual se encontra nos antigos escritores. D. Dinis usou muito as formas *coita* (substantivo) e *coitado*.

Contença — Cortesia, moderação e continência de palavra e ações. Boa disposição do corpo e rosto, tom de voz, modo e gestos (*Dicionário Port.* citado). Usado só pelos incultos, a gente rural.

Couto — Entre outros significados, o autor do *Elucidário* apresenta e de: lugar destinado para residência de criminoso. O termo surge na linguagem hoje corrente, porém com um sentido mais genérico: o de refúgio, asilo, valhacouto. O cantador cearense Luís Dantas Quezado empregou o termo em uns versos improvisados sobre a pessoa do Engenheiro Arrojado Lisboa, em que dizia darem as barbas desse doutor couto pra cabra vadio... (Ap. Leonardo Mota).

No *Leal Conselheiro* figura o termo com as acepções de refúgio, asilo. Circula ainda o vocábulo como antropônimo, mais justo, sobrenome. *Couteiro* ou *coiteiro* é usado para indicar o fazendeiro que oculta criminosos em suas propriedades ou domínios. O verbo *acoitar*, dentro da mesma relação semântica, é usual entre o povo.

Criação — Assim disseram não só os rebanhos e frutos, mas também os escravos, que se reputavam, como animais e fazendas de seus senhores (*Dicionário Port.*). Hoje circula o termo mormente nas zonas rurais, mas de referência a conjunto de animais domésticos. *Carne de criação* chama o povo geralmente à carne do bode, do carneiro, da ovelha etc. Leonardo Mota, no *Cantadores* define *criação*: gado caprino e ovelhum, que é, realmente, a acepção que conferem, de ordinário, ao termo, os nossos sertanejos.

Cruzado — Moeda de ouro portuguesa, antiga. Ainda circula o termo no Ceará como equivalente a quatrocentos réis. Contudo, já não é tão corrente e generalizado como há alguns anos atrás. De autores antigos que usaram o vocábulo, citamos Duarte da Gama — "Trovas que fez Duarte da Gama às desordens que agora se costumam em Portugal" (In *Cancioneiro Geral* cit. — pág. 47).

Cuidar — Julgar. Usa a expressão Bernardim Ribeiro no *Menina e Moça*. Os incultos, a plebe, preferem sempre *cuidar* a julgar. ao contrário dos cultos e semicultos. Mas geralmente corrompem o verbo em *coidar*. De um matuto refere Leonardo Mota que quis descascar o pão "*coidando* que fôsse

fruta"... Citamos ainda: "*Coidavam* que esta sêca" (C 333); "*eu coidei* que daqui lá" (lb. 328); "já tão *coidando* na trelição" (lb. 327). *Cuidar* é usado também no sentido de tratar, entre cultos e semicultos. Os incultos corrompem ainda o verbo em *coidar*. Ex.: "Tava quêto, *coidando* da minha obrigação"... (C 330). Empregam também a forma correta, como no seg. ex.: "*cuidei* que dessem por quatro vintém" (C. 353).

Dama — Meretriz, na fala popular como em *mulé dama*. É termo antigo, segundo observa Serafim Silva Neto, em sua *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil* — Rio de Janeiro, 1950 — (págs. 195-196).

Décimas — "assim chamaram aos dízimos" — esclarece o autor do *Dicionário Port.*, citado.

Décima ainda hoje é o imposto que abrange a décima parte de um rendimento, e, por extensão, tributo, contribuição direta. É sinônimo de dízima, dízimo. "Tôda a vida paguei culeta de bolandeira e *dízimo* de miunça". (C 331).

Defumadoras — Cheiros, perfumes, pastilhas (*Elucidário cit.*).

Empregado às vezes pelo povo no sentido de tratamento por meio de vapores impregnados de certas substâncias que se queimam. Usa-se nesta região defumar as casas com incenso, queimando essa substância em vasos, mais propriamente em cacos de barro, que são chamados *defumadores*. Uma ocasião em que se verifica ainda esse procedimento é depois de um parto, sendo utilizada para isso a alfazema.

Desacordar — Estar como fora de si por causa do susto, pavor ou medo (*Dicionário Port.*). Circula entre cultos e semicultos, e mesmo nas camadas populares, geralmente sob a forma participial — *desacordado*.

Uma expressão de sentido próximo a *ficar desacordado* é *não dar acordo de si*, que o povo também usa: "Foi uma pancada tão danada que o cabra *não deu mais acordo de si*."

Desconhecido — Desagradecido. Anotado por J. I. Roquette no plural, em o *Leal Conselheiro*. Ainda hoje surpreendemos o termo com a acepção referida entre semicultos e o povo. Ex.: "Sujeito *desconhecido* aquele! Tanto favor que fiz a ele!" Os cultos preferem em geral a expressão *mal-agradecido*.

Desconto — Diminuição da conta (*Dicionário Port.*). Circula em todas as classes sociais. Ex.: "Bem. Se você levar cinco litros de farinha eu faço um *desconto* no preço". A acepção moderna é, pois, de abatimento, diminuição.

Desembestado — Desenfreado, devasso, perdido, de maus costumes (*Dicionário Port.*).

O termo é generalizado, em nossa época, mas se usa, ordinariamente, com a primeira acepção, de referência a alimárias. Os outros sentidos, que ao termo confere o autor do *Dicionário Port.*, se surgem entre o povo é de maneira esporádica. É exato que o verbo *desembestar* é aplicado popularmente também ao ser humano, no sentido de disparar etc. Ex.: "*Desembestou numa carreira danada*".

Despejado — Livre, sem peso, desembaraçado. Usado por Garcia de Rezende (ap. *Seleção Clássica* — Nota 39). João Ribeiro a propósito escreve: "está no sentido arcaico (que se conserva ainda no Brasil). Hoje em Portugal significa comumente sem pejo".

Desvestido — Despido. Está no *Leal Conselheiro*, de D. Duarte. Só o povo, as camadas sem cultura, deixam escapar. hoje em dia, o verbo *desvestir* e alguns dos seus tempos.

Determinado — Valente, corajoso, disposto.

Os incultos cearenses dizem *ditriminado*. Aulete menciona as acepções de ousado, denodado, resoluto, com o abono de uma citação de Frei Luís de Sousa e Frei Domingos Vieira; no verbete respectivo, inclui os significados de resoluto, ousado, afoito, abonando-se com citações de autores antigos, entre elas, uma de Diogo do Couto (*Décadas IV*, Livro III, Capítulo I).

A forma plebéia citada não é também novidade, referindo o mesmo lexicógrafo o vocábulo *determinadas* em um trecho das *Ordenações Afonsinas* (Livro III, Título 29). A alteração semântica, não é, portanto, apreciável.

Divisa — Distintivo, emblema, galão. Anotado por A. de Sousa, na obra de Gil Vicente. Ainda hoje generalizado com idêntica acepção. Exemplo: "Ele está com a *divisa* de sargento."

Embarbacado — Entontecido. Gil Vicente, no *Breve Sumário da História de Deus* (pág. 75, v. 998) usou dessa expressão. Num trecho da obra pergunta Lucifer a Satanás — "Que é isso, Satã?" etc. O verbo procede de *barbasco*, do latim *verbasco*, com assimilação do *v* ao *b* (notas de João de Almeida Lucas). O nosso povo emprega muito *embasbacado*, parônimo, com as acepções de: pasmo, estupefato.

Empacho — Embargo, impedimento (*Elucidário*, cit.). A palavra circula pouco, em nosso tempo, sendo-lhe preferida a sinônima *empachamento*, nas camadas populares, referindo-se à dificuldade de digestão, sensação incômoda de plenitude gástrica etc. O verbo *empachar*, principalmente no particípio passado, é bastante usado dentro do mesmo signo semântico, da mesma relação de sentido. Na *Crônica dos Feitos de Guiné*, de

Zurara, figuram *empacho* com a significação de impedimento (edição citada — pág. 76) e *empachar* com os sentidos de impedir, obstar (pág. 42). Está ainda na *Crônica da Tomada de Ceuta*, designando estorvo, embaraço, bem como o seu derivado *empachosa* (ed. citada — págs. 42 e 70). *Desempachar* — aliviar, comum também nas camadas populares, se acha, entre outras obras, na *Crônica da Tomada de Ceuta* — (edição citada — página 92). Uma das 128 palavras citadas por Duarte Nunes de Leão como antiquada, na acepção de desimpedir.

Encreó — Incrédulo, o que não está pelo que se diz. O que arrenegou ou não dá crédito à lei de Jesus Cristo (*Dicionário Port.*). A grafia adotada pelo autor do *Elucidário* não é a que vemos hoje, e sim, *incrêu*, mas já ouvimos entre o povo a pronúncia *encreú*. Figura o termo no plural, no *Breve Sumário da História de Deus* (edição citada — pág. 58 v. 497), como sinônimo de incrédulo. É comum em nosso tempo, com acepção idêntica. Exemplo de uso do mesmo: "Aquele sujeito é um *incrêu*, por isso não vai pra diante." É uma das 128 palavras citadas como obsoletas por Duarte Nunes de Leão, com a acepção referida, e grafada *incrêo*.

Entojos — Appetite, desordens (*Elucidário*, cit.). Somente entre o populacho podemos observar o uso do vocábulo, mesmo no singular. A acepção será a de impertinência, provocação, aborrecimentos. "Deixe de ser besta, não gosto de *entojo(s)* pra minha banda". O verbo *entojar* surge às vezes com o sentido de enjoar, aborrecer.

Era — o mesmo que época, ou "ponto fixo na História, desde o qual se começam a contar cronologicamente todos os sucessos dela". Eis a definição que do termo fornece o autor do *Elucidário*. José A. Teixeira registra o uso do termo em Goiás, classificando-o de arcaísmo, com a mesma acepção que tem no Ceará (*Linguagem de Goiás*, IV parte). Hoje em dia o uso da palavra é, geralmente, para significar época, tempo, data: desde remotas *eras* etc., no plural; mas, também no singular: "*era* vitoriana *era* antonina etc."

"O século XVI foi a *era* das grandes navegações". O povo emprega o termo em frases da seguinte estrutura oracional: "Na *era* do 88 houve uma seca monstruosa no Ceará". "Nessas *eras* de hoje se vê tanta coisa". Do folclore regional: "Ele dizia que nestas *eras* dagora" (C 339). *Boi erado* é expressão comum no sertão, a designar o boi que já atingiu mais de cinco anos.

Errada — Errata, erro (*Elucidário*, cit.). O termo aparece ainda hoje apenas entre o povo, os habitantes do interior espe-

cialmente, que costumam dizer frases do seguinte teor: "Vamincê vai indo em frente e lá adiante dobre à esquerda, que não tem *errada*". Equivale, pois, a desvio de caminho; encruzilhada; engano; erro — como define o *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. J. A. Teixeira aponta o vocábulo em Goiás, com a acepção de encruzilhada, considerando-o arcaísmo (*op. cit.* — pág. 76).

Escepula — Astuciosa desculpa, com que alguém salva a sua palavra. Modo e artifício, com que alguém punha a salvo a sua pessoa (*Dicionário Port.*). Em *O Fidalgo Aprendiz* se encontra: "Enfim não tive *escapuls!*" equivalendo a "Enfim, não consegui escapar". (V. nota 70 ao pé da pág. 87, da edição citada). Exs.: de emprego do vocábulo, em nosso tempo: "Vou ver se dou uma *escapula* até lá, hoje de tarde". Aqui corresponde, mais ou menos, a saída breve e oculta etc." "Eu duvido que ele arranje uma *escapuia*. Está frito!" Vê-se, pois, que, no último caso, a acepção do vocábulo não se distancia das que lhe atribuiu o autor do *Elucidário*, podendo a oração ser tomada em dois sentidos, um físico, o outro, de ordem moral.

Escarmentado — Que tomou ensino do que há experimentado (*Leal Conselheiro* — edição J. I. Roquette). Ainda hoje usado em todas as classes sociais, em menor escala entre a plebe, que ao empregar o vocábulo corrompe-o em *escaramentado* e *escramentado*. Exemplo de frase em que surge o termo focalizado. "Não me meto noutra, fiquei *escarmentado* com a brincadeira".

Estruir — Desperdiçar, estragar. "Bucetas de conserva e jarras de mel e manteiga e arroze e azeite eram ali tantas *estroidas*" (*Crônica da Tomada de Ceuta* — edição citada, pág. 99). O verbo é muito usado pela plebe, os rústicos, com sentido que não é exatamente o de destruir.

Faceiro — Pelintra, casquilho etc. Foi usado outrora no *Anatômico Jocosso*, na *Feira de Anexins*, de Francisco Manuel de Melo (ap. Serafim Silva Neto — *op. cit.*, pág. 194).

Falha (sem) — Defeito, mancha (Gil Vicente, ap. Arlindo de Sousa). Ainda usual com essas acepções. Muito da preferência popular. Uma das 128 palavras citadas por Duarte Nunes de Leão.

Fazedor — O que faz e executa alguma coisa (*Elucidário*, cit.). O termo circula bastante entre o povo com essa acepção. Notamos porém que as pessoas cultas, que se esmeram no falar, buscam evitar o uso dessa palavra em muitos casos.

Fedegoso — Ascoroso, imundo, mal cheiroso (*Elucidário*, cit.). Na linguagem atual encontramos a palavra designando

diversas árvores da família das Leguminosas, divisão Cesalpiniáceas; e planta medicinal da família das Borragináceas (*Tiaridium elongatum*, Lehm). O termo usado com o velho sentido é *fedorento*.

Feira — O campo, praça ou rocio, em que se faz a feira: comutação ou troca de alguma coisa (*Elucidário*, cit.).

Em Fortaleza encontramos a circular correntemente o vocábulo *feira* com a acepção de mercado público. Ex.: "Vou já fazer as compras na *feira*". Hoje parece-nos o termo *mercado* já vai sendo preferido em tais casos. Por último surgiram as inúmeras *feiras-livres* em praças públicas ou locais semelhantes, em determinados dias da semana.

A acepção usual do vocábulo é a de lugar público e descoberto onde expõem e vendem mercadorias. Nas localidades do interior do Estado há sempre um dia na semana, geralmente o domingo, em que se realiza a *feira*, sempre movimentada, porque a ela acorrem, além dos seus habitantes, os agricultores e fazendeiros das redondezas, que aí vêm expor e vender os seus produtos. Exemplo de emprego de palavra: "A *feira* hoje tem estado animada". "Na *feira* do Crato houve uma briga desgraçada".

Ficada — O contrário de partida (*Elucidário*, cit.).

Não nos parece muito usual, em nossos dias, o emprego do termo com esse sentido.

No entanto, referimos um brasileirismo semântico, qual o seja o de *ficada* com a acepção de carambola difícil que o jogador de bilhar deixa para o parceiro. Muito freqüente no Ceará.

Figa — Esconjuro que consiste em fechar a mão e meter o dedo polegar entre o indicador e o maior — Gil Vicente (ap. Arlindo de Sousa). Ainda circula bastante em nosso tempo.

Figueiredo — Lugar cheio de figueiras (*Elucidário*, cit.). O termo não circula no Ceará com essa acepção, não só porque serão excepcionais, entre nós, os lugares cheios de figueiras, como também porque aos mesmos preferiria o homem da região chamar figueirais, pl. de *figueiral*. É comum, porém, como sobrenome, e figura também na toponímia regional.

Filar — O mesmo que *filhar*: tomar, receber, conquistar (*Dicionário Port.*). Com estes sentidos acha-se na *Crônica da Tomada de Ceuta* o v. *filhar* (edição citada — passim). Lembremos aqui a coincidência de forma e certa aproximação de sentido com o termo antigo do *Dicionário de Viterbo*, de um brasileirismo muito comum no Ceará, que se refere ao que não

compra as coisas e pede-as aos outros, e, também, ao que faz que outros paguem por ele.

Exemplos de emprego do brasileirismo citado: "Aquilo é um safado, acabou me *filando* a entrada do cinema". "*Filar* da-quele jeito eu nu que faz que outros paguem por ele.

Exemplos de emprego do brasileirismo citado: "Aquilo é um safado, acabou me *filando* a entrada do cinema". "*Filar* da-quele jeito eu nunca vi, não gasta um tostão com coisa nenhuma aquele sem-vergonha. Até cigarro ele *fila*!"

Fiuza — Satisfação, confiança no afeto e bons serviços de alguém. Eis o verbete que consta do *Dicionário Port.*, citado. Está no *Leal Conselheiro*, grafado *fyusa* (Edição Roquette).

Leonardo Mota registra o termo no linguajar sertanejo, empregado na locução *à fiúza de*, que tem o significado de *à custa de*. Cândido de Figueiredo cita no verbete de *fiúza*, a acepção brasileira de desusado, fora da moda: um chapéu *fiúza*. A acepção é antiquada. Frei Domingos Vieira, no seu *Dicionário*, inclui no verbete respectivo o uso adverbial, como termo de foro antiquado — *à fiúza*: *à conta*, *na segurança*. J. A. Teixeira registra o termo em Goiás com a acepção de confiança, observando que é arcaísmo (*op. citada* — gloss, regional). Está na *Crônica da Tomada de Ceuta*, com os sentidos de crédito, confiança (edição citada — pág. 42). Atualmente a palavra figura na Antroponímia regional, como sobrenome de uma família assaz conhecida. O *Pequeno Dicionário Brasileiro* traz *fiúza* com as significações de *fidúcia*; *confiança*; *esperança*.

Fôrro — Livre (Gil Vicente) — ap. Arlindo de Sousa). Usado muito, referindo-se a negros escravos — "escravos *fôrros*".

Função — Folguedo, divertimento. Já anotado por Marroquim na linguagem do Nordeste (*op. cit.* — pág. 149), como de uso estritamente popular na acepção aludida. Renato Mendonça cita o termo como arcaico, na acepção de baile, referido por Amadeu Amaral (*op. cit.* — pág. 243).

Gafos, *Gafarias* — Relativamente a doentes de lepra, lazaretos etc. (*Dicionário Port.*). *Gafento* e *gafeira* são os seus cognatos ainda hoje circulantes entre o povo, o primeiro com a acepção de portador de *gafeira*, e este como sarna do cão e doença dos bois com inchação das pálpebras. *Gafo* e *gafa* se surgem no linguajar da região é esporadicamente. Por extensão, já vimos os termos *gafento* e *gafeira* aplicados ao ser humano.

Graça — Termo usado para indagar do nome. Figura nos "Apólogos Dialogais" (*Escritório Avarento*, de F. M. de Melo).

— pág. 62 da 1.^a edição, 1721 — Ap. João Ribeiro — *Seleta Clássica* citada — nota 193). Hoje usado pelos rústicos, os sertanejos. “Qual é a sua *graça*, hein, moço?” — “Como é a sua *graça*?”

Herva — Grama, planta verde e também legume. Sentido arcaico que ainda conserva no Brasil — diz João Ribeiro, na *Seleta Clássica* (edição — citada — pág. 16 — nota 43). No Ceará usa-se mais legume, capim, verdura, em lugar de herva, termo este que é principalmente da linguagem culta. Atualmente grafa-se *erva*.

Indústria — Manha, astúcia (*Relógios Falantes* — Francisco M. de Melo (edição citada — pág. 60). Ainda hoje circula bastante com acepções idênticas. Exemplo: “Você sabe; ele fez isso de *indústria*”...

Laborar — Lavar, romper a terra (*Elucidário*, cit.). A palavra se acha quase desterrada da linguagem culta e os escritores evitam-na sempre. Mas entre o povo, os sertanejos, circula bastante com as acepções genéricas de trabalhar, lidar, labutar, etc. Leonardo Mota registra o uso do verbo, entre o povo: “Bem diz o povo que quem *labóra* com cana aprende chupar” (*Prosa Vadia*, pág. 23). Artur Neiva (*op. cit.* — pág. 186) registra o termo com a acepção de trabalhar, na viagem que fez pelos sertões indicados.

“Uma interessante forma popular, inculta, sinônimo de trabalho, ocupação, é *labôro*”. Exemplo — “Nasci em maio de 75, sou pai de nove fio e vivo do meu *labôro*” (C 330).

O termo *labor*, equivalente a trabalho, labuta, é evitado pelos escritores porque dá idéia de um espanholismo. Viterbo registra também *lavor* — qualquer obra em que os homens trabalhavam. Hoje é usado o termo com as acepções de ornato em relevo; trabalho manual; lavrado; obra de agulha feita por desenho e, bem pouco, com a de labor.

Lampeiro — em *O Fidalgo Aprendiz* (edição citada — pág. 84) deparamos com a seguinte construção: “Vindes *lampeiro*!” O termo parece-nos aqui com o sentido de temporão. Entretanto, hoje circula entre o povo e semicultos com as acepções de lesto, desembaraçado etc. Exemplo: “Olhe como ele vai acolá, chega vai *lampeiro*!”

Lei — Religião, credo religioso. Está nas *Ordenações Afonsinas*, no *Auto da Vioza*, de A. Prestes (ap. João Ribeiro — *Frases feitas*, páginas 38-39); no *Leal Conselheiro*, etc. Com esta acepção não é usual em nossos dias. Mas é comum ouvir-se, entre nós, expressões como estas: “Aquilo é uma gente maleducada, parece que não tem *lei*”; “sujeito ruim, sem *lei*”.

Leite escurrido — Coalhada, nata, a parte mais crassa do leite (*Dicionário Port.*). Trazemos aqui essa expressão para que seja comparada com esta outra, muito freqüente entre o povo, no Ceará, mormente do sertão: *coalhada escorrida*. Sabe-se que o suf. *udo* antigo corresponde ao atual *ido*. A *coalhada escorrida* é desprovida da parte líquida, apresentando-se como um prato muito apreciado pelos nossos sertanejos.

Levada — A veia, ou corrente de uma fonte (*Elucidário*, cit.). O termo circula ainda hoje, mormente em nossas zonas rurais, no campo, nos sítios, nas fazendas, com a acepção de corrente de água para regar terras ou para mover algum engenho.

Limbo — Lugar, fora do Paraíso, no qual as almas dos justos esperavam a Ascensão do Senhor para poderem entrar no Céu. Do latim *limbu*. A definição é apresentada por João de Almeida Lucas, no glossário apenso à edição citada do *Breve Sumário da História de Deus*. Gil Vicente usou o termo nas seguintes frases: "Entra Abel na escuridade do *limbo*", etc.; "aparece ua figura de Cristo na ressurreição, e entra no *limbo*"... Esta é palavra, cujo sentido mesmo o povo cearense, de espírito arraigadamente católico, não ignora e, incidentemente, poderá usar na sua conversação. Os cultos e semicultos também hão de se utilizar da expressão.

Lixo — Coisa vil, imunda, e que não merece estimação. (*Dicionário Port.*). É bem verdade que o termo apresentado é de uso mais comum designando: o que se varre de casa e em geral tudo o que não presta e se joga fora; cisco.

Entretanto, no sentido figurado, além das acepções de ralé, escória (*lixo humano*) já temos visto empregado com sentidos análogos aos citados pelo autor do *Elucidário*. Exemplo: "Aquilo não vale nada, é *lixo* que se joga fora", — referindo-se a coisa ou objeto que não merece estimação. "Aquilo não vale nada; agora perder tempo com aquele *lixo*"... (referindo-se a pessoa sem caráter, vil, desprezível).

Luir — Abalar. (*Leal Conselheiro* — Roquete).

Entre os cultos o termo ainda surge sob a forma *aluir*, mas os incultos, a plebe, não raro, usam a forma *luir*, isto é, praticam a aférese do *a* no vocábulo culto, como costuma fazer em relação a várias outras palavras.

Há para o termo essa acepção de abalar; e mais as de: oscilar, ameaçar ruína; desmoronar-se (V. intrans.).

Macio — Brando, amável, delicado (Gil Vicente, ap. A. de Sousa). Hoje usado entre o povo, mais ainda como sinônimo de insinuante, matreiro, sorrateiro etc.

Maçaroca — “Milho de *maçaroca*” — Milho grosso. (*Elucidário*, cit.). O termo *maçaroca* ainda circula bastante entre o povo e os semicultos, com as acepções de feixe; espiga de milho. Também apontamos as acepções brasileiras: extremidade cabeluda da cauda dos bovídeos; bola formada na cauda dos cavalos por crinas de tal modo emaranhadas que é impossível desfazê-las com o pente; nome que no Ceará dão a certo felino selvagem.

O sentido de feixe de cabelos emaranhados também se aplica, meio burlescamente, em relação aos seres humanos.

Madre — Útero (Gil Vicente — ap. Arlindo de Sousa). Ainda hoje usado pelos rústicos, mormente as populações rurais, na Ibiapaba etc. *Mãe-do-corpo* é uma locução com idêntico sentido.

Magrém — Magreira (*Dicionário Port.*). O termo ainda circula bastante entre o povo, mormente no interior do Estado, de um modo geral, com a acepção de magreza.

Entretanto, parece-nos mais aplicável o termo aos animais irracionais: gado, caninos etc.

Malvaísc — “Malva branca, de que uma das espécies é a altéia, acepção que provavelmente tem aqui. Empregado como emoliente. De *ibiscus malva*, por inversão *malva-ibiscus*” — escreve Antonio Correia de A. Oliveira, comentando o termo que se acha em *O Fidalgo Aprendiz*, de Francisco Manuel de Melo (edição citada — pág. 65-V I), bem como outros nomes de ervas vulgares, a exemplo da arruda, de uso medicinal ainda hoje entre o povo. Aliás, aqui acentuamos que no Ceará a palavra é corrompida sempre em *malvarisco*.

O *Pequeno Dicionário Brasileiro* cita como espécies principais do *malvaísc*: a *altéia* (*Althea officinalis*), o *malvaísc-de-folhas-de-cânhamo* (*Althea cannabina*) e o *malvaísc do Rio Grande do Sul* (*Spheralcea cisplatina*).

Manceba — Barregã, concubina (*Dicionário Port.*). O termo não circula entre o povo. Poderá surgir na linguagem culta, no estilo guindado.

Lembramos, entanto, a circulação do termo *amancebado*, com o respectivo feminino, bem como do verbo *amancebar-se*, que significa o mesmo que *amigar-se*, sendo este, aliás, mais freqüente na linguagem popular. O significado do verbo é tomar concubina; viver com amásia.

Manhas — Os costumes de alguém, ou bons ou maus. (*Dicionário Port.*). O termo é bastante usado entre o povo, semicultos e cultos, na linguagem falada, mas para designar

comumente: astúcia, sagacidade, ardil, e isso geralmente no plural.

O cognato *manhoso* é também usual. Ex.: — “Cuidado com aquele sujeito, que ele é cheio de *manhas*”. “Tenho medo das *manhas* daquele sujeito. Aquilo é um trapaceiro”.

Ficou, portanto, do termo, apenas o lado pejorativo da sua acepção.

Marrã — Aliás, o autor do *Elucidário* grafa *marrãa*, como foi de uso para o feminino, antigamente. A significação do *Dicionário Port.* é a seguinte: — leitoa, que ainda não tinha parido, mas que já não era freama, ou de espeto etc. Ainda é usado nas camadas populares e por semicultos, com o significado de porca nova que deixou de mamar e, principalmente como ovelha nova.

Matéria — Pus. Usado pelos incultos e semicultos com a acepção aludida.

Acha-se o termo em uma “Relação do Maranhão” pelo padre Luís Figueira, datada de 1608 (V. *Documentos para a História do Brasil*, citada, 1.º vol. — B. de Studart).

Mazela — Paixão dalma, sentimento implacável. Eis o verbete que se acha no *Dicionário Portatil*, citado. No *Breve Sumário da História de Deus* (citado — pág. 63) encontramos o vocábulo. Hoje *mazela* circula bastante com as acepções de pequena enfermidade; defeito moral; nota na reputação; labéu.

Exemplo de emprego no linguajar cearense atual: “Aquele sujeito é cheio de *mazelas*; ninguém confia no caráter dele”... “Eu nunca vi se queixar de tanta *mazela*, como aquele meu cunhado; ora é uma dor de um lado, ora um catarrão seco”... “É uma *mazela* de que ele não se limpará nunca”...

Aparece escrito *mazela* no *Dicionário Portatil*, citado.

Meizinha — Remédio. No *Leal Conselheiro* figura no plural, escrito *meezinhas*.

Da mesma forma na *Crônica da Tomada de Ceuta* (edição citada — pág. 59). No *Cancioneiro de D. Afonso, o sábio* (1252-1281), o vocábulo figura grafado *meezinã* (Ap. *Chrestomathia Histórica da Língua Portuguesa* — apenas ao *Dicionário de Frei Domingos Vieira*). Está no *Cantadores*, do folclorista Leonardo Mota. Exemplo: “isso é uma *meizinha* santa... (C 319)”... “é *meizinha* que não mente fogo”. (S A 86).

Hoje só os incultos, a plebe, ainda chamam remédio de *meizinha*. *Meezina*, *meezia* nada mais são do que formas intermediárias, sendo a origem *medecinam*.

Mente — Lembrança, memória. (*Elucidário*, cit.).

A palavra é usada por todas as classes sociais. Exemplo de emprego entre o povo: "Eu tinha na *mente* que era dez tões que eu tinha de lhe dar"... *Ter na mente* equivale a julgar, cuidar, pensar.

Entre os cultos: "ua *mente* ilustrada, das mais esclarecidas do seu tempo"... Aqui o termo significa inteligência, mentalidade, cerebração.

Mas também é usual e generalizado o termo com a acepção de memória: "Aquele cidadão tem ua *mente* formidável; se lembra de tudo quanto se deu na infância dele".

Mercar — Trocar, ajustar. (*Elucidário*, cit.).

O termo circula apenas entre semicultos e o populacho, as camadas populares; os significados são geralmente: negociar; comprar para vender. Entretanto, a circulação é limitada, sendo de notar que o termo *mercado* — porção de uma coisa ou mercadoria que se vende a retalho, temos ouvido mais nas classes humildes. *Mercar* também, entre o povo, adquire o sentido de vender. Exemplo: "Vou ver quanto ele quer por um *mercado* daquele feijão"... "Ele é danado pra *merc*ar fazenda ruim"...

Mercar e *mercado* com as acepções citadas encontram-se em um escrito, de autoria de Bento Maciel Parente (12 de novembro de 1618). (In *Documentos para a História do Brasil* — B. de Studart — 1.º vol.).

Mesura — Urbanidade, honra, cortesia (*Dicionário Port.*). Ainda hoje ocorre bastante no Ceará, muitas vezes no plural. Exemplo: "F. é todo cheio de *mesuras*"... Aqui corresponde a reverência, salameleques etc. Exemplo: de uso no singular: "Ele se aproximou e, então, fez uma *mesura* diante de todos, quase beija os pés do Governador"...

Nota-se, pois, que no emprego do termo *mesura* atualmente ocorre sempre a idéia de afetação, exagero na cortesia...

Migado — (bem) muito partido, aos bocadinhos (Gil Vicente — ap. A. de Sousa). Ainda hoje usado pelo povo. Exemplo: "fumo *migado*".

Mil — Muitos, número indeterminado (Gil Vicente — ap. A. de Sousa). Ainda hoje usado pelos cultos e semicultos. Exemplo: "Depois de *mil* obstáculos, acabei fazendo a obra".

Minguar — Diminuir. "Na *Crônica da Tomada de Ceuta* (edição citada — pág. 47). Zurara usou do termo *minguava*, grafado *minguaua*. É palavra que as pessoas cultas e os escritores hoje evitam, ficando mais a circular nas camadas populares e semicultas.

Miolo — Juízo, cérebro (Gil Vicente). Bastante usado pelo povo, ainda hoje. Muitos preferem a forma plural — *miolos*. "Ele está sofrendo dos *miolos*". "Não tem o *miolo* muito bom".

Moça — Diz João Ribeiro que "moças" no Brasil conserva o sentido arcaico de jovens, sem idéia de hierarquia social. "Em Portugal pessoas de serviço". No Ceará é comum a acepção brasileira referida pelo emérito filólogo. Lembramos que, no *alud* do Estado, o termo ainda possui a acepção de virgem, mulher não desvirginada, sentido esse generalizado entre o povo.

Moleira — Cabeça (Gil Vicente, ap. A. de Sousa). Usado ainda hoje pelo povo, mas relativo a crianças de tenra idade. "Botou-me sal na *moleira*" é locução corrente, significando — serviu-me de experiência etc. *Moleira* é sinônimo de fontanela.

Mandado — Recado, novas, notícia; ordem; "andar o *mandado* de alguém" — obedecer-lhe (ap. *Crestomatia Arcaica* — edição citada — glossário final). José Joaquim Nunes — é preciso que se note — no glossário aludido inclui apenas "palavras e frases já fora do uso corrente ou que tenham significação especial", em sua pátria, evidentemente. Entre nós, o vocábulo circula bastante em orações do seguinte teor: "O Francisco foi lá na Praça fazer uns *mandados*". *Fazer um mandado* pode ser: levar um recado, fazer uma compra, entregar a alguém um bilhete, uma carta etc. (o criado, geralmente a mando do patrão).

Nacenças — Nascidos, alporcas, leicenças, tumores etc., que nasciam pelo corpo humano (*Dicionário Port.* citado). Ainda hoje é freqüente nas camadas populares o termo nascida, significando abcesso, tumor, furúnculo.

Nação — Espécie, casta. Citamos o seguinte trecho da *Crônica dos Feitos de Guiné*, em que aparece o vocábulo: "ca comunalmente se achavam em sua presença desvairadas nações de gentes tam afastadas do nosso huso" (ob. cit. — pág. 30). No *Cancioneiro Geral* figura *naçam* significando casta, como se segue: "Todos estes feitos, e outros muitos doutras sustancias, nam sam divulgados como foram se gente d'outra *naçam* os fizera" (Garcia de Rezende — Prólogo). "Ele tem sêca *naçam*" (Id. pág. 56).

O *Dicionário Portátil*, citado, registra *naçoens* de legumes, aves, de frutas etc. — toda a casta delles, etc.". Fr. Domingos Vieira, em seu dicionário, refere o sentido de raça, espécie, casta. E, em abono, cita trechos de Garcia de Rezende e de A. Diniz da Cruz. O mesmo lexicógrafo traz ainda do termo a

acepção de natureza, apresentando-a em um trecho das *Farças* de Gil Vicente: "Mas são lobos peramichos, e raposos de *nação*". No *Dic. cit.* *nação* aparece ainda como termo antiquado: *Nações* de legumes; toda a casta de legumes como favas, feijões, ervilhas etc.

Ainda hoje circula o termo entre a plebe, os rústicos. Os cultos ordinariamente só empregam o termo com a acepção de povo, país, pátria.

Leonardo Mota no *Cantadores* define *nação* — casta, espécie. E cita o seg. ex.: "... de *nação* de quatro pé só quem escapa é tamborete"...

Noção de gente é locução, ainda hoje, de uso popular e, burlescamente, aparece entre os cultos. Outro ex.: — "O tal grande daqui de vocês, que chegou hoje, será alguém dessas três *nação* de vivente?" (*Prosa Vadia*, página 27).

Nojo — Mágoa (*Breve Sumário da História de Deus* — Gil Vicente, ed. cit., pág. 50). No *Leal Conselheiro* aparece com as acepções de tédio, enfado, aborrecimento (Rocquete). Na *Crônica dos Feitos de Guiné* (ed. cit., pág. 78) também é empregado com o sentido de pesar. João Ribeiro, na *Selecta Clássica*, refere que *nojo*, além do sentido clássico de desgosto, náusea, tem o sentido de dano, estrago, ofensa (Nota 124 — ed. cit.). D. Diniz usou o termo significando fastio, aborrecimento (*Cantigas*).

Atualmente as acepções com que o termo circula em todas as classes sociais são as de: asco, repugnância, náusea, sentimento de repulsão. Entretanto, ainda aparece com o sentido de pesar, luto, esporadicamente, como temos visto em boletins de Regiões Militares, a propósito do falecimento de parentes de oficiais etc., concedendo tantos dias de *nojo* ao militar enlutado. *Enojado*, que é termo antigo também, ainda hoje bastante usado, significando: aborrecido, revoltado ou, mais propriamente, com repugnância, asco etc. "*Enojado* do proceder"...

Obra — Perto, até, pouco mais ou menos (*Dic. Port.*). Ainda hoje é termo de uso popular e, mesmo, pelos semicultos. Ex.: "Daqui lá é assim *obra* de uma meia légua". As acepções são, pois: cerca de, quase, para a locução *obra de*.

Obrigaçāo — A esposa; pessoa da família. (Francisco M de Melo — *Carta de Guia de Casados*, 139). Só usado entre os rurículas dentro do mesmo campo semântico. "Cumpade, cumã vai a sua *obrigaçāo*?"

Oficial — Artífice etc. Está em *Relógios Falantes*, de F. Manuel de Melo: "Fazei conta que o rei mande por seu gosto

que cada um *oficial* deixe a sua tenda" (ed. cit., pág. 101). Esta acepção do termo ainda corre freqüentemente entre o povo, em nossa época.

Panascais (panascaes) — Campos cheios de erva e que se não lavram (*Dic. Port.*). *Panasco* é o nome de uma erva de pasto da família das Umbelíferas, muito conhecida no Ceará. *Panascal* é o terreno onde cresce ou abunda o *panasco*.

Panos — Golpes dados de prancha ou de chapa. Está em *O Fidalgo Aprendiz* — Francisco Manuel de Melo (ed. cit., pág. 43). Leonardo Mota refere o termo no *Sertão Alegre*, como da linguagem sertaneja nordestina, significando pancada de sabre.

Morais averba-o como termo antiquado, definindo: pancada com espada de prancha, pranchada.

Parceiro — Companheiro (Gil Vicente, ap. A. de Sousa). O povo corrompe em *paricêro*, que adquire sentido pejorativo. Os cultos usam a forma *parceiro* (em jogos etc.).

Nos *Lusiadas*, de Camões (Canto V — Estância XXX) encontra-se o termo com a acepção de parêlho, par, semelhante (V. *Dicionário dos Lusiadas* — Afrânio Peixoto e Pedro A. Pinto — Rio, 1924 — pág. 433).

Partido — Vantagem, proveito, meio etc. (Gil Vicente — ap. A. de Sousa). Ainda usado com tais sentidos. Ex.: "F. é um águia; sabe tirar *partido* de situações".

Pastorar — Na *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, encontramos a forma *pastorando*, no seg. trecho: "... andava defronte a ribeira daquele rio, *pastorando* seu gado"... (Ed. Livraria Clássica — Lisboa, 1942 — pág. 69).

Pastorar, hoje, é dito apenas pelos incultos, sendo usado na linguagem culta, em seu lugar, *pastorear*, com as acepções de guiar no pasto; guardar (o gado) no pasto. *Pastorar* é empregado pela plebe, geralmente a designar: vigiar alguém; estar à espera de alguém. Ex. de emprego popular: "Ora, seu Presidente... Eu hoje lhe *pastorei* mas não vi Vossa Incelença de menhã" etc. (C. 311).

Passamento — Falecimento, morte (*Dic. Port.*). O termo circula apenas na linguagem culta, no estilo jornalístico, especialmente. Ex.: "Ocorreu o *passamento* às 5 horas da tarde, na residência, à rua..." (notícia de imprensa).

Lembramos aqui o uso freqüente, nas camadas populares, do termo *passamento*, com as acepções de: lipotímia, síncope etc. Está no *Sertão Alegre*, de Leonardo Mota.

Peita — Tudo o que se dá para corromper a justiça, a virtude, ou a boa fé de alguém. Está assim no *Dic. Port.*, que refere também o verbo *peitar*, dentro da mesma relação de sen-

tido. É termo antiqüíssimo: que vamos encontrar em "Foros de Castello Rodrigo" (1209) — *Lezes et Consuetudines*, t. I, págs. 852-858, (Ap. *Crestomatia Hist. da L. Port.*, apensa ao vol II do *Thesouro da L. Port.*, de Fr. Domingos Vieira). A grafia então era *peyte*, do verbo *peytar*. Encontra-se o termo nos *Lusiadas* com as acepções de suborno, meio de corromper (Canto VIII — est. 52 e 53).

Ainda hoje circula o verbo, e mesmo o deverbais *peita*, principalmente entre o povo e semicultos. Ex.: "Ele *peitou* aquele sujeito prá matar o comendador". "Aquilo foi *peita*; na certa o subôrno entrou em ação"...

Procurar corromper com dádivas, subornar, são as acepções correntes do verbo. Dádiva com o fim de subornar, suborno, as do substantivo cognato, sendo que este já foi o nome de antigo tributo pago pelos que não eram fidalgos. Gil Vicente usou *peytar* significando: subornar, pagar etc. (Ap. Arlindo de Sousa, ob. cit.). Com as acepções mencionadas encontra-se o vocábulo em um escrito da autoria de Bento Maciel Parente (12 de novembro de 1618) — In *Documentos para a História do Brasil* — 1.º vol., cit.

Pendença — Desavença, briga. No *Cancioneiro Geral* (ed. cit., pág. 47, V. 62) encontramos o termo com tal acepção. No plural citamos o emprego do vocábulo no seg. trecho de umas trovas da autoria de Duarte da Gama:

... "os quais, se fossem lembrados
das *pendenças* e das guerras,
folgariam de ter terras e criados".

Alvaro Júlio da Costa Pimpão, que comenta a edição citada de *Poetas do Cancioneiro Geral*, feita pela Livraria Clássica Editora, de Lisboa, define o termo como indicamos acima.

Na linguagem popular cearense ele ainda é usado com sentido idêntico. Para exemplificar o seu emprego citamos este passo do "Cantadores" de Leonardo Mota: ... "êle dizia que nestas éra dagora haverá de havê uma *pendença*, que prĩnspiava no sertão e ia acabá na pancada do má." (C. 339).

Os cultos pouco usam o termo e se o fazem é com a forma *pendência*. Arlindo de Sousa cita a palavra em Gil Vicente, como sinônimo de contenda, rixa.

Praça — Povoado, cidade. Apontado por Mário Marroquim como arcaísmo da linguagem popular, que desapareceu da fala culta (op. cit., pág. 149). Comum no Ceará. "Tá se vendo qu'êle é gente da *praça*"...

Pressa — Aperto, trabalho, aflição (D. Duarte — *Leal Conselheiro*, ed. Roquette). Não apresenta mais, exatamente, essas acepções, em nossos dias, o termo *pressa*, na língua corrente. Se o trazemos à baila é para insinuar possível relação semântica do mesmo ou do seu derivado *apressar* com o termo *vexar*, que no Ceará significa apressar, e em outras zonas do País equivale apenas a molestar, afligir, humilhar etc. Exs.: “F. vai *vexado* prá chegar em casa”, “Não se *avexe* compadre, que falta só meia légua”...

Em *Menina e Moça* (ed. cit., pág. 66) encontra-se: “eis se deixa vir um rebanho de vacas, correndo *apressadas* da mosca”.

Provar — Experimentar (*Cantigas d'El-rei D. Dinis*). É termo de uso bastante popularizado em nosso meio. Exs. de emprego: “*Prove* desse doce aí, pra vê como tá bom”. “Ele *provou* de tudo quanto era ruim neste mundo, e agora quer se regenerar”...

O termo com a acepção aludida se acha nos *Lusíadas* (Cantos 3.º e 6.º — ests. 64, 44 e 47).

“Eu vou *provar* (ou *aprovar*) uma roupa no alfaiate, e volto já”. Significa pois, geralmente, em nossos dias: experimentar, sofrendo; experimentar, vestindo, e comer e beber pequena porção de qualquer coisa para lhe verificar a qualidade ou o estado. Além destas, tem outras acepções, referentes a *prova*, testemunho, que não nos cabe comentar aqui.

Punar — Pagnar (*Leal Conselheiro* — Roquette). João Ribeiro na *Selecta Clássica* refere que *punir* reúne os sentidos de *punire* e *pugnare* (*punir* por alguém). A expressão desapareceu da linguagem culta, mas ainda corre entre o povo. Ex.: “*puna* pelo nêgo véio” (C. 334).

O *Pequeno Dicionário Brasileiro* regista *punir* com o significado de pagnar; lutar em defesa; etc. A forma *punar*, de que trata Roquette, com a síncope do *g* intermédio, não seria a correspondente ao verbo hoje usado pelo povo?

Puna está no *Cancioneiro de D. Afonso, o Sábio* (1252-1281).

Punir com o sentido de defender, pagnar, é citado como arcaísmo na linguagem popular, por Marroquim (*op. cit.* — pág. 149) e Amadeu Amaral (ap. Renato Mendonça — *ob. cit.* — pág. 243).

Quebrada — Terra ladeirosa, e pendurada sobre profundos vales, ou rios, cujas águas ora a engoliam, ora a encobriam de areia ou lodo (*Dic. Port.*). Ainda hoje circula o termo, sendo

mais usual nas zonas do interior do Estado. Ex.: "Mais adiante numa *quebrada* de serra"...

Os conceitos de ladeira, declive, impetuosidade de terreno produzida pela água, estão associados no sentido em que é tomado geralmente o termo, em nossa região.

Quebranto — Mau olhado, enguiço. (Gil Vicente, ap. A. de Sousa). Ainda hoje usado bastante pelo povo, que corrompe em *quebrante*.

Quentura — Febre, calor. Entre outras obras, aparece o termo, aliás grafado *queentura*, no *Leal Conselheiro* e na *Crônica dos Feitos de Guiné* (pág. 68). Também se encontra nos *Lusíadas* (Canto II — Est. 96). Hoje a expressão é de característica plebéia, aparecendo também entre os semicultos. Ex.: "É uma *quentura* danada por aqui"... Nessa acepção de calor é mais generalizado o uso do termo. Mas o povo também o emprega, incidentemente, na acepção de febre. Ex.: "Ele tava com uma *quentura* danada, chega parecia que ia morrer"... *Quentura* significando febre ainda foi usado por Duarte Nunes de Leão (Roquette).

Reinar — Fazer travessuras, trelar. Citam o verbo como arcaísmo da linguagem popular, com as acepções indicadas, Mário Marroquim (*op. cit.* — pág. 149) e Amadeu Amaral (ap. Renato Mendonça — *op. cit.*, pág. 243). "Só me *reína* na natureza", regista Leonardo Mota (C. 338).

Ribeiro — Segundo João Ribeiro, o verdadeiro sentido do vocábulo são as margens e terras convizinhas e não o curso da água. Abona-se em trechos de Bernardim Ribeiro (*Écloga II*), de Rodrigues Lobo (Pastor peregrino), Cristóvão Falcão (*Crífal*). Em *Crônica dos Feitos de Guiné*, de Zurara, se acha o seguinte trecho: "mas do gasalhado nom curo de fallar, ca segundo sua primeira mostrança, nom entendiam leixar a *ribeira* sem mui grande dano de hua das partes". *Ribeira*, aí, parece ter aquele sentido mais próprio do vocábulo, a que se refere o escritor sergipano. Com a acepção de margem ou praia de rio encontra-se o vocábulo em alguns passos dos *Lusíadas* (V. *Dic.*, cit., pág. 507). Em nossa época, os cultos confundem a acepção do termo com a de *ribeiro*, sendo que a última forma é a usual. Entretanto, é freqüente ouvir-se a um rústico, a um sertanejo, *ribeira*, como referente a lugar, a localidade, e não a curso d'água. Exs.: "Aqui nessa *ribeira* quem manda sou eu"... "Nesta *ribeira* do Acaraú não havia cabra mais desordeiro"... Assim por diante. "Ribeira de um rio" se acha em *Menina e Moça* (ed. cit., pág. 52). Aliás, é freqüente entre os incultos a corrupção do vocábulo em *rêbêra* ou *rêbêra*. Rodrigues de Car-

valho já observara que *ribeira* compreende não só uma comarca como a zona servida por um rio: *ribeira* do Trairi, *ribeira* do Piranhas etc. (*Canc. do Norte* — 2.^a ed. — pág. 190).

Salvar — Saudar. Cita-o Marroquim como da fala popular (*op. cit.* — pág. 149).

Servilhas — Sapato de coiro. Fr. Domingos Vieira coloca em primeiro lugar no verbete a definição: sapato de couro fundo, com sola corrida. Aulete, no *Dic. Contem.*, refere a significação antiga do vocábulo de: sapato de coiro. Cândido de Figueiredo regista a acepção antiga de: sapato de coiro, e o brasileirismo semântico: sapato de ourelo. Leonardo Mota recolheu o termo no sertão sob a forma corruta — *survias*, e a designar chinelas velhas (SA.). Sofreu, pois, o termo ligeira modificação semântica entre as nossas populações sertanejas.

Siso — Juízo, entendimento, razão perfeita (*Dic. Port.*). Usam o termo, incidentemente, as pessoas cultas e talvez os semicultos. O povo adota sempre o termo *juízo*. Ex.: — “Aquilo é homem de pouco *siso*”. “Dente do *siso*” é locução com que se designa o último queixal, que nasce nos adultos. O povo substitui a expressão por *dentiqueiro*.

Sobejo (adv.) — Coisa por demais e bem escusada (*Dic. Port.*). Como adjetivo, aliás, *sobeios* (sobejos), no plural, com a acepção de excessivos se acha na *Crônica da Tomada de Ceuta* (ed. cit. — pág. 72). Adverbialmente é mais usado o termo *sobejamente*. Emprega-se também, na linguagem culta, no estilo literário, a locução *de sobejo*, com a mesma acepção de demasiadamente, excessivamente, suficientemente. Lembremos aqui uma acepção de *sobejo*, freqüente nas camadas populares: a de sobra, resto, principalmente de referência a comidas. Neste caso, o termo aparece freqüentemente no plural. Mas também vamos encontrá-lo usado no singular, como no seguinte exemplo: “Comeu tudo; só deixou o *sobêjo* pra mim”...

Sobroço — Receio, medo, temor. “Aparece nas páginas lapidares de Manuel Bernardes, caindo em desuso depois na terra lusitana” (Renato Mendonça — *op. cit.* — pág. 243). Comum no linguajar cearense rústico e plebeu. “Faz inté sobroço” (SA. 9).

Sojiga — Sujeita, subjuga (*Menina e Moça* — ed. cit. — pág. 68). A forma ocorre entre os incultos, os sertanejos, com acepção idêntica. “Pois porque te *sojigavas* outra vez, meu coração?” encontra-se em uma cantiga de Jorge d’Aguiar (*Canc. Geral* — ed. cit. — pág. 27).

Surrão — Saca ou bolsa de couro de pastores (Gil Vicente, que, aliás, grafa *çurrão*. V. *Obras* — ap. Alindo de Sousa). Bastante usado ainda hoje, mormente no interior do Estado, com significado idêntico. Também empregado literariamente no sentido figurado de depósito, continente.

Sustância — Força, vigor, resistência. São as acepções em que aparece o vocábulo geralmente, entre os rústicos. A forma é antiga, aparecendo, entre outras obras, no *Cancioneiro Geral* (ed. cit., pág. 22), na *Crônica da Tomada de Ceuta* (pág. 23). Leonardo Mota registou: "isso é que eu chamo tê *sustança*" (C. 309).

Tacha — Defeição; mancha; nódoa. Usou do termo Antônio Ferreira (*Obras Completas*). Ex. de uso popular: "O bicho não tem *tacha*" (SA. 141).

Talabarte — Cinturão de onde pendia a espada, talim, boldrié. Está em *O Fidalgo Aprendiz* (ed. cit. — pág. 37), e é considerado por Antônio Correia de A. Oliveira, que assim o define, um termo arcaico.

Ainda hoje circula na linguagem comum, às vezes, com ligeiras corruelas populares, referentemente a uma peça da indumentária militar, chamada também *boldrié* (*Pequeno Dicionário Brasileiro*). Portanto, a acepção do termo não mudou.

Taleiga — Medida antiga para sólidos e líquidos. Está no *Dic. Port.* Resta-nos apenas o seu derivado *taleigada*, que o povo diz *talegada*, *tolegada* e *talagada* e que equivale a porção, pequena quantidade, em geral de aguardente ou outra bebida alcoólica de uso ordinário. Exemplo do emprego: "Bote aí uma *talegada* da branquinha". "Bote aí uma *tolegada* desse vinho de genipapo". "Uma *talegada* boa de cachaça".

Tenção — Intenção. No *Leal Conselheiro*, grafado *teençom*, bem como na *Crônica da Tomada de Ceuta*, de Zurara (pág. 47). Na *Menina e Moça* (pág. 90) está com a forma de hoje. Posteriormente, Sá de Miranda usou também *tenção*.

Trazemos à baila o termo para lembrar que, hoje em dia, a linguagem culta e o estilo literário preferem a forma *intenção*, ficando *tenção* a circular mais na linguagem do povo. Ex.: "Eu tava na *tenção*" ou "Eu andava na *tenção* de lhe pagá" (C. 306). O culto preferirá: "Eu tinha a *intenção*" etc.

Tenência — Prudência (Gil Vicente). "Tomar *tenência*" — acautelar-se, ter prudência. Ainda hoje, entre o povo, os rústicos, os sertanejos.

Terçado — Espada (Gil Vicente, ap. Arlindo de Sousa) — Hoje, entre nós, facão grande.

Titela — O peito da ave. Está em um passo da *Comédia Ulissipo*, de Jorge de Vasconcelos (Ap. *Selecta Clássica* — ed. cit. — pág. 63 — nota 78). Ainda hoje usado com a mesma acepção — a parte carnuda do peito da ave. *Ter titela*, como empregou Jorge F. Vasconcelos, significa ter peito ou, figuradamente, ter coragem.

Topar — Encontrar. Usa o termo Bernardim Ribeiro em *Menina e Moça* e está no *Cancioneiro Geral*. Exs.: "Se com elas nos *topamos* etc. (trovas de Joan Roiz de Castel Branco — ed. do *Cancioneiro*, cit., pág. 41); "perguntou a um servidor que *topou*, que coisa era aquela" (*Menina e Moça* — ed. cit., pág. 57). Está em Gil Vicente, sinônimo de encontrar (ap. Arlindo de Sousa). Trazemos à baila o verbo, porque quase desterrado hoje da fala culta e preferido pelos rústicos, a plebe. Exemplo de uso plebeu: "Eu ia por acolá quando *topei* ua muié de encarnado".

Topar como é empregado freqüentemente pelo povo: "No meio do caminho *topei* com um cavaleiro".

Nas mesmas condições os cultos preferem dizer encontrar.

Traspassar — Passar através (Duarte de Brito — *Cancioneiro Geral* — ed. cit., pág. 26). "Pois que meu bem como vento *traspassando* assi por mim"...

As acepções mais correntes hoje são as de: furar de lado a lado; magoar; afligir etc. Exemplo da linguagem popular: "todo *traspassado* de dor".

Trilhar — Pisar, oprimir (fig.) Registrado por J. I. Roquette Leal *Conselheiro*. Ainda circula com os sentidos de pisar, esmagar, contundir, magoar fisicamente, mormente entre o povo. *Trilhadura* é muito usado nas camadas populares, na acepção de esmagamento, contusão. Exs. de uso do verbo e do substantivo cognato: "*Trilhei* um dedo agora mesmo"... "Estou com uma *trilhadura* na perna esquerda"... "*Trilhei* as carnes da coxa"... Os incultos dizem comumente: *triadura*, *triá*.

Variar — Delirar, desvairar, endoidecer. Usou o termo Francisco Moraes, o Palmeirim (*Obras*). Ainda hoje é usual entre o povo com o sentido mencionado. "Ele parece que tava *variando*".

Vegada — Vez (*Leal Conselheiro*). Sousa da Silveira cita-o como arcaísmo léxico (*Lições de Português* — 3.^a ed., pág. 99). Encontramos freqüentemente no linguajar dos rústicos a forma *vezada* com essa acepção. Ex.: "Vamos ver quem ganha

dessa vezada". O termo "vegada" — forma vulgar, é anotado por A. Malaret com a mesma acepção, observando o conhecido lexicógrafo que esta se encontra nos princípios do idioma. Abona-se em um trecho de *Fuero Juzgo*, prólogo IV. Acrescenta ainda que a forma com o sentido apontado é conservada em Salamanca e Zamora. (V. *Vocabulário de Puerto Rico* — pág. 286).

Vergonha — Partes pudendas. Bastante usado no plural. Uso plebeu, rural. Encontra-se na "Carta de Pero Vaz de Caminha".

Verônica — Imagem do rosto de Jesus Cristo (Gil Vicente, ap. Arlindo de Sousa). Ainda corre com essa acepção. Por extensão, o povo usa como sinônimo de rosto, retrato. É aplicado também à mulher que nas procissões do enterro de Cristo leva o santo sudário.

A propósito do termo, V. Castro Lopes *Origens de anexins, prolóquios* etc. (2.^a edição — págs. 135 a 137).

Vila — Quinta, casa de campo. Está no *Leal Conselheiro*, grafado *villa*. É corrente o vocábulo ainda hoje no Ceará, mas com a acepção de casa de habitação com jardim, dentro da cidade. Abundam as *vilas* em Fortaleza: "Vila Mariana", "Vila Ester", "Vila Gentil" etc. etc.

Virar-se — Voltar-se *Cancioneiro Geral* — pág. 65 — "Trovas que Garcia de Rezende fez à morte de D. Inês de Castro"). Ainda hoje é usual o emprego do verbo nas camadas populares e semicultas, e talvez mesmo as cultas, no Ceará. Exs.: "Nós tava conversando, depois ela se virou para mim e disse..." "Aquela gente não tem modos; no cinema se viram pra traz"...

ALGUMAS FRASES FEITAS E DITOS TRADICIONAIS

Uma obra de interesse a acentuar é *Frases Feitas*, de João Ribeiro, em dois volumes, onde são estudadas as locuções antigas: *a olhos vistos; aqui não está quem falou; botar as manquinhas de fora; conhecer pela pinta; dar o pé, tomar a mão; enquanto o diabo esfrega um olho; fazer ouvidos de mercador; mão de gato; mais vale um gosto que quatro vinténs; meter os pés pelas mãos; mourão, mourão; na era!; em pratos limpos; tintim, por tintim; camisa de onze varas; olhos da cara; porque cargas d'água?; pagar o pato; seca e meca* e outras, usadas por escritores antigos e ainda hoje freqüentes entre nós. (V.

também *Origens de Anexins, prolóquios* etc., do Dr. Castro Lopes — 2.^a edição aumentada 1909 — Francisco Alves & Cia.), que traz algo de curioso sobre o tema.

Ainda mencionamos as expressões que se seguem, recolhidas em obras de velhos autores lusos e outros escritos antigos: — *Pela rua da amargura* — Está no *Breve Sumário da História de Deus*, de Gil Vicente, tal como ainda se diz em nosso tempo, apenas em vez de *pela* se acha *pola* no trecho focalizado (ed. cit., pág. 71).

A boca da noite — Muito usado entre nós, equivalendo ao anoitecer. João Ribeiro cita a locução em autores antigos (op. cit., nota 134).

Quem tem boca vai à Roma — Ainda hoje circula sem alteração formal nem semântica, exatamente como empregou Francisco Manuel de Melo em *O Fidalgo Aprendiz* (ed. cit. — pág. 72).

Useiro e vezeiro — Comum entre o povo. Encontra-se em um escrito da autoria de Bento Maciel Parente (12.11.1618) (In *Doc. para a Hist. do Brasil*, cit.).

Julgai pelas obras e não pela cor — Está no *Breve Sumário da História de Deus* (ed. cit. — pág. 73). Usada, porém, em menor escala que as expressões anteriores.

Não ter termo (ou *termos*) — Com a mesma forma e significando: não ter educação, não ter modos, como em *O Fidalgo Aprendiz* (ed. cit. — pág. 43).

Não vive o homem somente do pão — Está no *Breve Sumário da História de Deus* — (ed. cit. — pág. 74). Ocorre bastante em nossa época.

Dar o ar — Acha-se em *O Fidalgo Aprendiz* (ed. cit. — pág. 53), significando dar o jeito, a compostura, a graça natural — sentido idêntico ao com que circula hoje. *Ar* é galicismo aparente na acepção de parecença, aparência, também extensiva ao francês (Carlos Góis).

Sentir as costas quentes — Surge no *Leal Conselheiro*, de D. Duarte: "quem as costas sente quentes de boa ajuda".

Firmino Costa cita "ter as costas quentes" — ter quem proteja (op. cit. — pág. 41).

A acepção é, como se vê, pelo contexto da frase, a mesma adotada hodiernamente.

Polvorosa — em *O Fidalgo Aprendiz* (ed. cit. — pág. 47), encontra-se "por os pés em polvorosa" significando fugir.

Hoje tem o vocábulo as acepções de grande atividade; azáfama; agitação. Ex. da fala atual: "... a rua ficou toda em polvorosa..."

Ter mão — Está em *O Fidalgo Aprendiz* e outros. Hoje é de emprego popular, mormente entre os rústicos, os sertanejos. Ex.: "Doutô, *tenha mão*" (C. 312). Equivale a parar, suspender (a ação ou gesto), a esperar, tomar cautela.

Dar de graça — É expressão antiga, que figura em "Serviço Militar", de Francisco Rodrigues Silveira, escritor que floresceu na segunda metade do Século XVI (Ap. *Selecta Clássica*). A propósito escreve João Ribeiro: "Dar de graça ou gratis ou a quem compra, dar de quebra, dar de barato. Usa o povo dizer a quem já comprou a *lambugem* (arras) o que se dá de graça a quem se espera há de comprar" (op. cit., pág. 90 — nota ao pé da página).

Cantar um acalanto — Registada a locução por Gustavo Barroso, como forma do português antigo, no sertão cearense. (Terra de Sol — página 185 — 1.^a edição).

Correr com alguém — Viterbo no *Dic. Port.* cita a expressão, que ainda é corrente hoje com as acepções de: perseguir, vexar, seguir alguém para espancar etc.

Algumas frases feitas, que circularam antigamente, sofreram alguma modificação formal. Exemplos:

Tomar as de Vila-Diogo — Assim encontramos em *Relógios Falantes* e em *O Fidalgo Aprendiz*, de Francisco Manuel de Melo (V., a propósito, as interessantes notas de Antônio Correia de A. Oliveira, ao pé das páginas 104-105 e 47, respectivamente, das edições citadas da Livraria Clássica, de Lisboa). Hoje se diz sempre *dar as de Vila-Diogo*.

Nas funduras do inferno — Aparece, entre outros lugares, na *Crônica da Tomada de Ceuta*, de Zurara (pág. 52 — ed. cit.). Em nossos dias, é muito usado pelo povo "nas profundezas ou profundas do inferno", e entre os mais incultos nas "confundas do inferno".

É coisa crua — Está no *O Fidalgo Aprendiz* (ed. cit. — pág. 63), equivalendo a: é coisa clara. Hoje se diz muito *verdade nua e crua*.

França e Roma não se fez num dia! — Está no *Breve Sumário da História de Deus* — de Gil Vicente (ed. cit. — pág. 70). Hoje se usa o dito da seguinte forma: "Roma não se fez num dia".

Como vos vai? — Que vos parece, que opinião tendes?

(*O Fidalgo Aprendiz*, pág. 59). Hoje encontramos entre os rústicos a seguinte fórmula de saudação: "Como lhe vai?"; "Cuma lhe vai?" (SA. 84).

Não achar pé nem cabeça — Em *O Fidalgo Aprendiz* se acha:

"Calai, senhor em que em tal coisa
nunca achei pés nem cabeça"

(Ed. cit. — pág. 59).

Usa-se muito dizer hoje: "Isto é uma coisa *sem pé nem cabeça*", isto é, sem sentido, sem nexos, abstrusa. Outro exemplo: "Li todo o trabalho e achei-o *sem pé nem cabeça*". Firmino Costa cita "não ter pés nem cabeça" — ser um despropósito (*op. cit.* — pág. 39).

Aliás, a locução focalizada pode surgir também no colóquio, entre nós: "Li o trabalho e não achei *pé nem cabeça*"....

Fazer gato-sapato — Aparece a frase em *Relógios Falantes*, em *O Fidalgo Aprendiz* (pág. 55 — ed. cit.). Hoje o que se diz é, não raro, a expressão *todo gato-sapato*, pejorativamente, sinônima de qualquer indivíduo ou todo indivíduo, sem a menor distinção pessoal. Exemplos: "Aquilo tem lá valor, *todo gato-sapato* se inscreve no tal concurso e tira o prêmio". "Já perdeu o valor o tal concurso, *todo gato-sapato* agora está se inscrevendo".

Firmino Costa cita "fazer de alguém gato-sapato" — ludibriá-lo (*Voc. Analógico*, pág. 42). Essa locução é também usada em nosso meio rural.

Passamos a referir algumas locuções ou ditos antigos, de expressão religiosa, que ainda hoje observamos no seio do nosso povo.

Exemplos: *Graça a Nosso Senhor; cuja alma Deus haja; com a graça de Nosso Senhor* — que ocorrem, entre outras obras, no *Leal Conselheiro; pelo amor de Deus*, que empregou D. Diniz, tal como ainda hoje dizem os incultos (*pulo amor de Deus*), e que é antiqüíssima sob a forma *por amor de Deus*, encontrada em "Foros de Castello Rodrigo" — 1209 (*Leges et Cousuetudines*, t. I; *apud Crestomatia Histórica Portuguesa*, in *Tes. da Ling. Port.*, de Fr. Domingos Vieira); *Senhor Deus*, no *Breve Sumário da História de Deus*, de Gil Vicente, onde se vêem também locuções como *padre Adão*, equivalente ao nosso *pai Adão*.

Vê-se, pois, que entre os casos de arcaísmos apontados, se encontram vocábulos desaparecidos totalmente da língua culta e hoje circulantes apenas na fala rural ou da plebe.

Entretanto, registamos inúmeras expressões que permaneceram na língua culta com sentido diferente daquele com que eram elas usadas pelos nossos antepassados lusos do Século XVI. "Transmitidas pela tradição oral" — segundo observa Mário Marroquim — continuam várias a circular entre o povo com a mesma acepção antiga, ou apresentando, no decorrer do tempo, ligeiras modificações semânticas.